



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC – CAMPUS XIV, CONCEIÇÃO DO COITÉ, BAHIA

Av. LUÍS EDUARDO MAGALHÃES, 988 - THEOGENES ANTONIO CALIXTO, CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA, 48730-000

BÁRBARA OLIVEIRA NUNES

“ERA UMA VEZ...” NARRATIVAS ORAIS E TRANSMISSÃO DA CULTURA LOCAL: Práticas de Letramento na área de assentamento Nova Palmares em Conceição do Coité.

Artigo apresentado à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Campus XIV, como requisito final à obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador (a): Janine Fontes.

CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA

2025

“ERA UMA VEZ...” NARRATIVAS ORAIS E TRANSMISSÃO DA CULTURA LOCAL: Práticas de Letramento na área de assentamento Nova Palmares em Conceição do Coité

Bárbara Oliveira Nunes¹

CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA

2025

¹ Graduanda em Letras- Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

RESUMO

Este artigo investiga as práticas de letramento presentes nas narrativas orais do Assentamento Nova Palmares, localizado no município de Conceição do Coité, Bahia. A pesquisa, de caráter qualitativo, tem como objetivo compreender como os saberes populares e a oralidade contribuem para a construção da identidade cultural e o fortalecimento da educação do campo. Por meio de entrevistas com moradores mais antigos, identificam-se histórias de luta, resistência e transmissão de conhecimentos intergeracionais. Os resultados evidenciam que o letramento, nesse contexto, traduz-se por uma leitura e escrita que levam em consideração a memória coletiva e as experiências cotidianas como formas legítimas de produção de conhecimento. Conclui-se que as práticas verbais desempenham um papel fundamental na formação de sujeitos críticos e na valorização da cultura local, contribuindo para uma educação contextualizada e significativa no meio rural.

Palavras-chave: Letramento. Narrativas orais. Educação do campo. Cultura popular. Assentamento rural.

ABSTRACT

This article investigates the literacy practices present in the oral narratives of the Nova Palmares Settlement, located in the municipality of Conceição do Coité, Bahia. The research, of a qualitative nature, aims to understand how popular knowledge and orality contribute to the construction of cultural identity and the strengthening of rural education. Through interviews with older residents, stories of struggle, resistance and transmission of intergenerational knowledge are identified. The results show that literacy in this context translates into reading and writing that take into account collective memory and everyday experiences as legitimate forms of knowledge production. It is concluded that verbal practices play a fundamental role in the formation of critical subjects and in the appreciation of local culture, contributing to a contextualized and meaningful education in rural areas.

Keywords: Literacy. Oral narratives. Rural education. Popular culture. Rural settlement.

1 INTRODUÇÃO

É de fundamental importância trazer para o mundo literário assuntos que tenham relação com a vivência, costumes e cultura desenvolvidos a partir das lembranças fixadas na memória de um povo que vivencia a realidade do campo, principalmente nas áreas de assentamento onde a luta por um pedaço de chão e a exclusão social são pontos bastante presentes. Apesar de todas essas dificuldades, prevalece a vontade de mudar essa realidade e de buscar um cenário diferente para a educação dessas localidades utilizando a oralidade nas Práticas de Letramento.

Como Paulo Freire (1989 p. 9) ressalta, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, enfatizando que o letramento está profundamente ligado às experiências culturais e ao contexto de cada comunidade.

Dentro dessas localidades existem histórias que têm sido passadas de geração em geração durante séculos, como uma forma de expressão cultural e narrativa, sendo antiga ou mais recente, de autoria desconhecida, e vai sendo modificada pelo povo ao longo do tempo, com acréscimos, cortes e criações.

As narrativas orais são histórias que ultrapassam as páginas da escrita e ganham forma através da tradição oral, sendo destinada ao público não alfabetizado, mas que pode servir também como objeto de estudo através dos registros dessas narrativas e através das práticas de letramento promovendo rodas de conversas e oficinas nas comunidades onde esses “causos”² foram contados. Segundo Ecléa Bosi (1994, p. 91) em seu livro *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*, “a arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana”. Ao narrar essas histórias, constroem-se pontes entre nós e o mundo, deixando nossa marca no universo,

² Os causos são histórias vividas pelas pessoas ou contadas por outras, que podem ser tanto acontecidas como inventadas, ou com partes reais e partes transformadas por quem conta (Coelho, 2011).

pois essas narrativas vão muito além da imaginação humana, muitas delas são tidas como verdade absoluta de vivências antepassadas.

As narrativas orais possuem características próprias que as diferem das narrativas tradicionais conhecidas e trabalhadas em escolas, características essas como a oralidade, o ritmo, repetições e a presença auditiva. O propósito deste artigo, é apresentar as narrativas da tradição de contação de histórias, através de registros escritos que poderão servir de material didático para ser trabalhado como forma de práticas de letramento com os assentados do projeto de Assentamento Nova Palmares, Conceição do Coité - Bahia.

É nítido que as crianças e jovens estão vivendo em uma era cheia de tecnologias, em que o interesse por brincadeiras, histórias, ou até mesmo por uma conversa com pessoas idosas são coisas que infelizmente vêm perdendo costume. Isso transporta um enorme sentimento de tristeza, pois é perceptível que essas culturas irão sumir com o passar dos anos, se não houver uma intervenção, por isso esse artigo visa compreender como as práticas de letramento através das narrativas populares podem apoiar na formação de bons leitores, bem como fortalecer a identidade dessas pessoas como moradores do campo. Preservando a cultura local de contação de narrativas orais do Assentamento Nova Palmares.

O estímulo para a escrita deste texto veio a partir da percepção de que a partilha e escuta de contos criados ou contados por idosos: muitas vezes partilhados em rodas de conversas, e até mesmo nas residências em momentos raros da vida, quando se tem uma queda de energia elétrica ou feriados importantes como a sexta-feira da paixão. Assim citando a realidade de áreas rurais, onde as famílias aproveitavam para se reunir e compartilhar histórias que foram passadas pelos seus antigos, tornou-se algo que irá se extinguir.

É evidente que as práticas orais vêm diminuindo com o passar dos tempos e por consequência disso se vê que está se perdendo esses costumes em razão dos avanços tecnológicos. O uso de aparelhos eletrônicos como celulares, televisão etc., tornaram-se mais acessíveis e mais importantes para a juventude, tirando o interesse dos jovens em sentarem e apreciarem essa cultura que é a transmissão oral. Portanto, a justificativa deste artigo se dá através da

manutenção e permanência cultural das narrativas populares, com a escrita desses causos que servirá como objeto de estudo para o Assentamento, evitando que essa cultura se perca através dos tempos por conta da evolução das tecnologias, buscando evidenciar como é possível pensar a preservação da cultura local a partir das narrativas orais conduzidas nas práticas de letramento escolar.

Os principais objetivos desta pesquisa são compreender como as práticas de letramento através das narrativas populares podem apoiar na formação de leitores, bem como fortalecer suas identidades enquanto pessoas do campo, e preservar a cultura de contação de histórias feita pelos idosos, além de contribuir com a conservação das narrativas orais no Assentamento Nova Palmares, registrar os causos narrados por assentados, organizar um acervo dessa literatura popular preservando e mantendo a cultura dessa localidade viva, de forma em que as gerações futuras possa ter acesso a essas histórias, tanto para conhecimento cultural quanto para objeto de estudo, podendo ser utilizado pela escola local, e demais escolas das comunidade vizinhas e sede.

2 REFORMA AGRÁRIA E MOVIMENTOS SOCIAIS: ASSENTAMENTO NOVA PALMARES EM CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA

A reforma agrária e os movimentos sociais têm desempenhado papéis significativos na busca por equidade e justiça no acesso à terra. A redistribuição de terras visa corrigir disparidades históricas, promovendo a inclusão de pequenos agricultores e comunidades marginalizadas. No entanto, a implementação dessas políticas frequentemente enfrenta desafios políticos, econômicos e sociais, destacando a complexidade desse processo. Os movimentos sociais desempenham um papel crucial ao sensibilizar a opinião pública e pressionar por mudanças, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Segundo o Estatuto da Terra, lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, artigo 1º, § 1º:

Considera-se Reforma Agrária o conjunto de medidas que visem a promover melhor distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social e ao aumento. (Estatuto da Terra, §1º, 1964).

Com isso, através de um documento fornecido por um integrante da Fundação de Apoio à Agricultura Familiar do Semiárido da Bahia - FATRES, pôde se perceber que surgiram vários movimentos sociais que lutam por esse direito a ter um lugar onde residir e plantar, principalmente no Território do Sisal, como o Movimento Sem Terra (MST), Movimento de Luta pela Terra (MLT), Movimento de Unificação Camponesa (MUC), Fundação de Apoio à Agricultura Familiar do Semiárido da Bahia (FATRES). Foi através da FATRES que surgiu o movimento ao qual o Assentamento Nova Palmares (local de estudo) faz parte.

O Movimento de Unificação Camponesa (MUC) é um instrumento de luta dos acampamentos e assentamentos do Território do Sisal, construído a partir da necessidade de atender as famílias. A criação do MUC se deu a partir da intervenção e mobilização da FATRES no primeiro CONFATRES em 2008. A FATRES que já realizava um processo organizativo e político dos assentamentos por meio de sua Secretaria de Políticas Agrícolas Agrárias e Meio Ambiente. Com mais de quinze anos de atuação no Território do Sisal, o movimento atua exclusivamente na identificação de demandas dos assentamentos e acampamentos, mobilizando as famílias sem-terra, ajudando a articular políticas públicas para as áreas já ocupadas e identificando imóveis afins para a reforma agrária e o crédito fundiário.

Os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares, são responsáveis por levar as demandas de suas comunidades para serem executadas pelo MUC. Esta parceria se dá da mesma forma que os agricultores que vivem nos assentamentos procuram os sindicatos para contribuir com sua organização política estrutural e de luta organizada. Atualmente esses são os assentamentos que compõem o MUC: Atanásio José dos Santos e Vale do Itapicuru na cidade de Araci, Santa Virgínia e Flor d'açucena em Biritiga, Nova Esperança e Alto bonito em Cansanção, Mucambinho, Lagoa dos Bois (Rose), Antônio Conselheiro, Vargem Funda, Rumo e Independências em Santa Luz, Nova Palmares em Conceição do Coité e Assentamento Quijingue em Quijingue.

Segundo a associação local, Associação dos pequenos produtores do projeto de Assentamento Nova Palmares (APPANP), o Projeto de Assentamento Nova Palmares, fundado em 12 de janeiro de 1998, surgiu a partir da necessidade de ocupação e renda de inúmeras famílias que, descendentes de comunidades rurais, não tinham terras para produção e conseqüentemente assegurarem a sobrevivência. Na reforma agrária havia esperança de abrir estes caminhos pela luta e conquista da terra. Diante disso, foi iniciado o processo de mobilização para a referida ocupação que aconteceu na madrugada do dia 12 de janeiro de 1998 com 189 famílias vindas de 06 municípios (Conceição do Coité, Retirolândia, Valente, São Domingos, Santa Luz e Ichu).

O nome Nova Palmares é uma homenagem a Zumbi dos Palmares, maior quilombo onde refugiava negros escravizados que lutavam pela sua liberdade. E o Assentamento nascia com esse caráter de acolher agricultores familiares excluídos do mercado de trabalho e sem ter a terra para a alimentação e sustentação de suas famílias. A fazenda do proprietário Teócrita Calixto da Cunha, que media cerca de 3.463 hectares (ha) de terras, estava abandonada a mais de 15 anos, onde na mesma já havia empregado dezenas de famílias que dali tiravam seus sustentos e residiam na mesma fazenda.

O Assentamento é o resultado da luta de um povo que partindo de uma necessidade concreta, organizaram-se para conquistar o direito mínimo que é o direito à vida, a vida vivida com dignidade. Atualmente mais de 272 famílias assentadas tiveram conquistas bastante significativas para o desenvolvimento do assentamento, além da conquista da terra, como projetos de apoio destinados à alimentação, infraestrutura, habitação e energia elétrica, água encanada, uma quadra poliesportiva e uma escola. Porém, não suficiente para a promoção da sustentabilidade e a plena qualidade de vida dos assentados. O desejo de mudança da realidade e a luta por melhores condições de vida continuam além dessas conquistas citadas acima, outras ainda estão para alcançar.

Nova Palmares atualmente possui uma população aproximadamente de mais de 1000 habitantes. A maioria da população vive do cultivo do sisal que é a renda principal da comunidade, totalizando aproximadamente mais de 600 pessoas que participa ativamente desse processo, e da criação de caprinos e

ovinos. Como complemento da cadeia alimentar, as famílias trabalham com a criação de avicultura, suinocultura, piscicultura, além das culturas de subsistências como a horticultura e outras. Existe na comunidade uma Associação de moradores, Associação dos Pequenos Produtores e Assentados do Projeto Nova Palmares - APPANP, que coordena o Assentamento contando com aproximadamente 300 sócios. Possui também uma Cooperativa de produção, Cooperativa de Produção, Beneficiamento e Comercialização do Projeto de Assentamento Nova Palmares - CONPAL, que visa o beneficiamento do sisal agregando um maior valor ao produto e trazer geração de renda para a comunidade.

A educação no Assentamento tem um papel fundamental na sua construção e formação de seu povo. Temos uma escola de ensino fundamental I e transportes escolares para comunidades vizinhas e sede do município para transportar os estudantes até às escolas de ensino fundamental II e médio. Temos vários jovens com cursos profissionalizantes, como o curso Técnico em Agropecuária oferecido pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) e também o curso técnico em nutrição oferecido pelo Centro Estadual De Educação Profissional do Campo Paulo Freire, além de outros que já concluíram um curso universitário e outros que estão se graduando em universidades públicas e na faculdade privada do município, e muitos desses já estão contribuindo na construção da história do Assentamento juntamente com a comunidade. O Assentamento possui uma população de aproximadamente 30% de pessoas com idade igual ou superior a 55 anos. Muitas destas pessoas possuem um dom de contarem, reinventarem ou até mesmo criarem “histórias” as quais conhecemos como narrativas orais ou causos orais: são os contadores de causos da comunidade.

3 NARRATIVAS ORAIS, PRÁTICAS DE LETRAMENTO

A cultura de transmissão de histórias e as narrativas orais são tesouros culturais que vêm resistindo às mudanças do mundo através dos séculos. Essas narrativas são de uma memória coletiva e ganham vida através da

oralidade. Elas representam uma das mais antigas formas de transmissão de conhecimentos, cultura e valores em sociedade ao redor do mundo.

As narrativas orais abrangem uma vasta gama de gêneros e formas, incluindo causos, lendas, mitos, contos populares, fábulas e provérbios. Essas histórias muitas vezes são moldadas pela visão de mundo de seus narradores e das sociedades em que estão inseridos, muitas das vezes tendo elas como verdade absoluta, refletindo na cosmovisão, moralidade e normas culturais de uma sociedade. Sônia Rosa (2017), destaca as narrativas orais como a principal forma de transmissão de histórias, até mesmo antes da existência de livros.

Antes das histórias irem morar nos livros, elas moravam na boca do povo e foi desse jeito que elas se espalharam pelo mundo... Aqui, na nossa terra brasileira, não foi diferente. Foi passando de pai para filho que as histórias foram perpassando as gerações e o próprio tempo. (Rosa, 2017, p. 51-54).

Essas narrativas são mais do que meras histórias, são expressões profundas de uma identidade cultural de um povo, mecanismo de ensino e preservação de uma memória coletiva. A importância dessas histórias reside em sua capacidade de criar laços entre passado e presente, entre tradições e modernidade, assegurando que o saber ancestral continue a influenciar as gerações futuras. É fundamental compreender que as práticas de letramento ultrapassam as formas tradicionais de ensino, desempenhando um papel essencial nas comunidades rurais. Preservar a cultura das narrativas populares é também valorizar o testemunho de vida transmitido pela oralidade. Como aponta Walter Benjamin (1936 s/p) em *O Narrador*, “a arte de narrar está chegando ao fim porque a sabedoria — o lado épico da verdade — está morrendo”. Assim, manter vivas essas histórias, significa resgatar a experiência humana e fortalecer os laços sociais que dão sentido à existência coletiva.

As práticas de letramento representam um conjunto de ações e interações sociais que transcendem a simples alfabetização e abarcam a capacidade de compreender e produzir sentidos em diferentes contextos. Essas práticas não se limitam ao domínio técnico da leitura e escrita, mas estão profundamente

enraizadas nos modos de viver, trabalhar e interagir em sociedade. Elas são um reflexo das dinâmicas culturais, econômicas e sociais de uma comunidade, configurando-se como ferramentas indispensáveis para a construção de cidadania.

O letramento, como prática social, está intimamente ligado às diferentes formas de linguagem que permeiam o cotidiano das pessoas. Ele não ocorre apenas em ambientes formais, como escolas e bibliotecas, mas também em práticas informais, como narrativas orais, manifestações culturais e o uso da tecnologia. Essas diversas manifestações de letramento são fundamentais para garantir que os indivíduos não apenas acessem a informação, mas também a utilizem de forma crítica e reflexiva, contribuindo para sua autonomia e para a transformação social.

Em comunidades rurais, as práticas de letramento ganham características singulares, pois dialogam diretamente com os desafios e as riquezas culturais desses espaços. A oralidade, por exemplo, desempenha um papel central nessas comunidades, sendo uma forma legítima de preservação e transmissão de saberes ancestrais. Assim, o letramento, nesses contextos, não apenas facilita o acesso ao conhecimento formal, mas também fortalece a identidade cultural e promove o senso de pertencimento.

Walter Benjamin (1936), em seu ensaio *O Narrador*, destaca que a narrativa oral é uma das formas mais genuínas de compartilhar experiências humanas. A conexão entre a oralidade e as práticas de letramento reforça a ideia de que letrar-se é mais do que aprender a ler e escrever, é também uma forma de se conectar com a história e com as experiências de vida que moldam uma comunidade. Nesse sentido, as práticas de letramento a partir da oralidade, funcionam como uma ponte entre o passado e o futuro, preservando saberes tradicionais enquanto abrem portas para novas possibilidades de aprendizado.

No cenário contemporâneo, as práticas de letramento assumem novos desafios diante do avanço das tecnologias digitais. O letramento digital, por exemplo, tornou-se essencial para garantir que os indivíduos sejam capazes de navegar por um mundo cada vez mais mediado por telas e dispositivos. Essa

nova dimensão do letramento exige não apenas habilidades técnicas, mas também competências críticas para discernir informações, combater desinformação e participar de maneira ativa no mundo digital.

Assim, as práticas de letramento devem ser compreendidas como processos dinâmicos e transformadores, que se adaptam às demandas do tempo e às necessidades dos indivíduos. Investir em práticas de letramento que dialoguem com os contextos locais e que promovam a diversidade cultural é um passo essencial para construir uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva. Afinal, letrar-se é, antes de tudo, empoderar-se para transformar a própria realidade e contribuir para o bem coletivo.

4 NARRATIVAS ORAIS DA CULTURA LOCAL: CONHECENDO PALMARES POR “DENTRO”³

As narrativas presentes neste artigo são histórias recolhidas do imaginário e escritas carinhosamente de acordo com a fala dos contadores. A narrativa 1 foi feita através da transcrição do áudio de dona Tereza Joana, já as narrativas 2 e 3, são homenagens aos meus avós, contadas através minhas memórias.

NARRATIVA 1:

Essa é uma história narrada por Tereza Joana de Jesus, de 62 anos, uma senhora rezadeira moradora do Assentamento, onde ela relata como foi um pouco de sua infância e traz a narrativa de uma lenda que para muitos idosos é uma verdade absoluta, a famosa lenda do lobisomem, contada a partir da sua vivência:

O LOBISOMEM

“O jeito assim que a gente foi criado, é assim, quando a gente era pequeno assim, aí mãe, mãe tinha quato fia aí ela disse assim, dizia assim: “ho, é so vai pra escola, so vai pra escola segunda e sexta que é pra trabaia que é pra me ajudar fazer a fêra.” Aí assim, e ôta que não era pra ninguém achar ruim, aí

³ Todas as narrativas foram transcritas de acordo a fala dos entrevistados.

quando era dia de sabido mô se tivesse uma festa ou uma reza, a gente... sim pra ir pra trabaiá como?

Pegava os dedo, marrava um pano nos dedo enrolava, enrolava, enrolava e marrava, aqui pegava uns pedaço de pano de chita ou o que for, pano véio, enrolava enrolava e botava, e na hora que marrava uma tira, quem nem toda hora que a gente achava , oxe quando num dava o dia que a gente ir pro motor, que a gente num ia pro motor, Ave Maria o mundo se acabava por que a gente gostava de trabaia, e pra estudar, CHORAVA pra estudar e não tinha como. Aí agora quando era no dia 07 de setembo nois ia pro Retiro machar, aí numa semana comprava a brusa na ôta semana comprava a saia, ai pronto, quando era dia de sábadó que a gente sabia que tinha festa minha mãe dizia assim oh: "Oh, é quato pegue quato, uma vai, duas vai buscar lenha, uma barrer terreiro a ôta... era quato, duas vai busca lenha chegar da lenha uma vai lava os prato a ôta vai barrer a casa, e a ôtas vai barrer o terreiro, aí no caso quem foi buscar lenha nõ ia mais barrer o terreiro, por que barria o terreiro de manha quando terminava as duas já ia buscar lenha, pronto aí agora ficava a casa e os prato pra outra duas, aí agora minha fia eu sei que a gente foi criada desse jeito. Quando não queria, qualquer coisinha dizia assim: oh o labisone, o labisone enrroubou, uma tia minha com uma cesta de beiju na cabeça... aí ele enrroubou ela, ele deitava no forno, quando foi de manhã, o forno maiceu a rapa do beiju, sim quem foi que fez assimai quando foi de noite , o labisone aliavou com a minha mãe, ele só tem medo dum espeto e do tição de fogo, num tem medo de facão, não tem medo de nada só tem medo de espeto e do tição de fogo. Aí agora quando era antes de 00:00 hora ele desvirava, a gente ainda via, ele assim em pé o terreiro, assim, com os zói assim pra lua e se fosse branco era labisone branco e se fosse preto era preto. E os menino tinha medo, pra estudar era obrigado uma pessoa da família se vestir de labisone pra poder os menino estudar que não queriam estudar, aí agora enquanto a gente queria estudar os nosso filho já não queria estudar, achava tudo só que no tempo que ai nois ia pra escola e levava, um levava uma lata de açúcar, ôtos leva uma culé de café, ôtos levava um aio, ôto uma cebola, ôto levava um ovo. E assim quando ajuntava tudo era os aluno todos, nois saia de pé de lá da Vargem pra ir pra Laginha, aí agora fazia aquela festona, aí a professora pegava as folha de lobo fazia ua

toalha linda, botava lá e nois ia festejar. Quando acabava aquela brincadeira ai nós ia pra Retiro machar. Há era bom, era bom mesmo.”

(Tereza Joana, 18 de set. de 2024)

NARRATIVA 2:

Essa história reescrita através de minhas memórias é uma homenagem a minha avó, Josefa dos Santos Santiago, falecida em 2020, carinhosamente chamada de “Dindinha” por todos os seus netos. Em vida, todas as vezes que havia quedas de energia por conta das famosas “trovoadas” a família se reunia na sala para ouvir suas histórias de infância e as famosas narrativas que nos enchia de medo. Apesar dos netos e filhos acharem ser histórias para amedrontar, ela sempre contava com uma veracidade e firmeza que acabava convencendo de ter sido real:

O LOBISOMEM

”Era tempo de ranca de mandioca na casa de farinha de tio Ciliro, e tava lá meu tio Padim Zebe com mãe e pai, e de repente os cachorros começou a latir, latir, latir. Ai os homem saiu pra fora da casa pra ver o que tava acontecendo era noite de lua cheia, mas tava tudo escuro, foi ai que viu um bicho enorme, parecido com um jegue só que menor um pouco espantado com os cachorros, o bicho tinha as orelhas bem grandes e balançando. Ai os cachorro começou a ir em cima do bicho e depois corria dele. Nenhum dos cachorros tinha coragem de enrrabar, foi quando um dos homens, Padim Zebe, teve o tinto de acender um facho de fogo e quando lumiam o bicho, o bicho partiu correndo e os homens saiu atrás dele. Foi ai que descobriram que era um lobisOMEM.”

(Josefa Santos Santiago, 1945-2020)

NARRATIVA 3

Essa narrativa também é uma homenagem a meu avô Martiniano Soares de Oliveira, um famoso cantador de reis, conhecido carinhosamente no

Assentamento como seu Totó, ele sempre conta histórias que ouvia de seus antepassados e essa é umas das famosas histórias, contada através das minhas memórias:

A COBRA QUE SALVOU O DONO

“Tinha um fazendeiro que morava na roça. Toda vez que ele ia tirar o leite ele via uma cobra papa-pinto que sempre queria entrar dentro da casa. O homem todo dia tangia a cobra e não queria matar, mas ela todo dia voltava e ficava só rodando a casa querendo entrar e ele todo dia enrrabava.

Um belo dia quando o fazendeiro levantou deixou a porta aberta e quando viu a papa-pinto já tinha entrado dentro de casa, ai ele deixou ela, a cobra rodou a casa toda e foi parar no quarto do homem, ele ficou só olhando. Ai ele escutou um barulho grande no quarto embaixo da cama. Lá embaixo ele tinha cesto, cuia, saco e muita coisa velha. Quando pensou que não a papa-pinto saiu com um cascavel grande rastando na boca que tava debaixo da cama do homem. A papa-pinto queria entrar na casa para salvar o homem do cascavel.”

(Martiniano Soares de Oliveira, 22 de dez. de 2023)

5 Conclusões

A realização deste trabalho possibilitou uma compreensão ampliada sobre os processos educativos, evidenciando que a educação ultrapassa os limites físicos da sala de aula e os conteúdos dos livros didáticos. Ela se manifesta, de maneira potente, nas rodas de conversa, nas vivências cotidianas e nas vozes que resistem ao apagamento da memória coletiva. A produção deste artigo contribuiu para consolidar minha identidade como jovem assentada e futura educadora, fortalecendo meu compromisso com a valorização da cultura local, com a escuta e o protagonismo dos sujeitos do campo e com a construção de uma prática pedagógica pautada na sensibilidade, na criticidade e na

relevância social. Nesse sentido, reafirmo a importância de uma educação contextualizada, que reconhece os saberes populares como fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem e para a promoção de uma formação cidadã.

As culturas locais, com suas histórias, tradições, saberes e modos de vida, precisam ser reconhecidas nas práticas pedagógicas de letramento. Ao incorporar a cultura da comunidade no cotidiano escolar, o processo de leitura e escrita torna-se mais significativo, pois é parte da realidade de alguns estudantes valorizando suas origens. Assim, o letramento não é apenas técnico, mas também cultural e identitário, promovendo uma aprendizagem mais contextualizada e respeitosa.

A valorização da cultura de contação de histórias promove o fortalecimento dos laços comunitários. Ela desperta o sentimento de pertencimento, amplia o respeito às raízes culturais e incentiva o protagonismo de mestres da tradição oral. Com isso, a comunidade se desenvolve não apenas culturalmente, mas também socialmente, ao perceber-se como fonte de saber e riqueza simbólica. A escola torna-se, assim, um espaço onde o conhecimento acadêmico dialoga com o conhecimento popular, respeitando as múltiplas formas de ser, viver e aprender.

Para que as narrativas orais recolhidas façam parte da vida escolar e circulem pela comunidade, é possível desenvolver diversas atividades, como criação de livros artesanais com histórias contadas por moradores, oficinas de leitura e escrita com base em narrativas orais locais, rodas de conversa com contadores de histórias, poetas populares e representantes da cultura tradicional, dramatizações com as histórias recolhidas, exposição de murais ilustrados com trechos das narrativas, inclusão desses materiais no acervo da biblioteca escolar, realização de feiras culturais temáticas com a participação da comunidade. Todas essas atividades servem não apenas para transmitir a cultura oral, como também para demonstrar que essas narrativas são parte da sociedade e não devem ser esquecidas.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembrança de velhos**. 14. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskoy. Magia e técnica, a arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense. 1994.

Estatuto da Terra, Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964. Disponível em: <https://share.google/UnbWstMEjkGijVrFc>. Acesso em: 24 de nov de 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 52. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

ROSA, Sônia. **Entre textos e afetos: formando leitores dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.